

## O desígnio do ensino de Lacan

Dando prosseguimento ao debate sobre a formação do Psicanalista e a Escola de Lacan, trago como base o texto "De um desígnio"<sup>1</sup>, de Jacques Lacan (1965/66). Como apoio, trago a "Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o Psicanalista da Escola"<sup>2</sup>; "A Equivocação do sujeito-suposto-saber"<sup>3</sup>; "Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956"<sup>4</sup> (Jacques Lacan) e alguns trechos do curso psicanalítico de Jacques-Alain Miller, "O Banquete dos Analistas"<sup>5</sup>.

Este contexto situa algumas diretrizes de Lacan a respeito daquilo que considera fundamental à formação do psicanalista em sua Escola. Lacan convoca-nos a considerar a situação do psicanalista e sua formação nos moldes em que vêm se estabelecendo na IPA e promulga os princípios e os alicerces de sua Escola e os meios de garantias a serem a esta demandadas e por esta oferecidas, na Proposição de 09 de outubro de 1967.

"Primeiro, um princípio: o psicanalista só se autoriza a partir de si mesmo..." "Isto não exclui que a Escola garanta que um psicanalista surja de sua formação". Estes enunciados causaram (e ainda causam) grandes debates e mal-entendidos quanto à questão da formação do psicanalista e as garantias possíveis.

Proferida em duas versões, na Proposição Lacan coloca que, para ele, basicamente, tudo reside na distinção entre hierarquia e *gradus*.

Em um dos textos anteriores à Proposição, ("De um desígnio"), Lacan nos fala sobre seu ensino que tem por "desafio prático a formação do psicanalista" a partir, especialmente, da herança freudiana, indo além do recalque e das resistências, buscar a verdade velada pela primazia do significante, que mostra seus efeitos no real do sexo - um furo onde o sujeito supõe seu gozo 'por direito'.

Lacan profere ainda que seu retorno a Freud "nada tem a ver com um retorno às fontes". Em nada se trata de regredir. Trata-se, sobretudo, de "uma segunda volta" sobre a topologia do sujeito, onde o saber, em nada absoluto, causa efeitos de verdade; e a repetição como tiquê - "nossa grande Necessidade", que aponta para a angústia como uma das respostas possíveis.

Na Proposição Lacan profere que "há um real em jogo na formação mesma do psicanalista", corrigindo uma falha no Ato de Fundação da EFP que delegava o exercício da psicanálise àqueles que se consideravam habilitados para tal, àqueles que, por direito se haviam nomeado psicanalistas.

---

<sup>1</sup> Lacan, Jacques, Escritos, p. 365. Campo Freudiano no Brasil – Jorge Zahar Editor. RJ, 1998.

<sup>2</sup> Idem, Autres Écrits, p.243. Éditions Du Seuil, Paris, 2001.

<sup>3</sup> Idem, Idem, p. 329.

<sup>4</sup> Lacan, Jacques, Escritos, p. 461. Campo Freudiano no Brasil – Jorge Zahar Editor. RJ, 1998.

<sup>5</sup> Miller, Jacques-Alain, El Banquete de los Analistas. Paidós. Argentina, 2000.

A 'Proposição' por estabelecer princípios e grados a serem seguidos e respeitados, e, a partir dos quais, não haveria mais habilitação por direito (Miller, p.210) coloca a relação entre o sujeito e a formação que ele recebe da Escola como uma das premissas de garantia, pois o que cada sujeito faz com os efeitos do real da não relação sexual será definitivo para seu autorizar-se de si mesmo e seu *gradus* na Escola. Assim sendo, o "autorizar-se de si mesmo" faria surgir um "psicanalista suposto" ao passo que "o passe garante um psicanalista da Escola" (Miller, p. 243). Um psicanalista não surge de uma auto autorização, na Escola de Lacan um psicanalista surge de uma formação, de um percurso garantido por esta. O passe, segundo Miller (p.257), distingue a função psicanalista e o ser psicanalista: "... não há funcionamento como analista que dê conta de comprovar o ser do psicanalista"

Desta forma, Lacan intrinca a análise própria de cada um à formação mesma do psicanalista. Desta mesma forma, Lacan estabelece a transferência como o eixo fundamental de sustentabilidade da Escola, seja analítica ou de trabalho, o conceito de transferência, engendra a relação entre o sujeito, o amor ao saber (transferência analítica) e desejo de saber, um trabalho pelo saber que surge ao final de uma análise (transferência de trabalho) (Miller, ps.189/191).

Na Proposição, Lacan coloca 2 tempos para o passe: um testemunho do que passou e um apontamento para o futuro – ser co-responsável pelos destinos da Escola e da Psicanálise.

Assim sendo, podemos considerar que, desde 1965/66, Lacan já nos colocava atentos para o que somente mais tarde ele iria conceituar: que no cerne da formação do psicanalista deve estar a impossibilidade da relação sexual e que esta verdade tem efeitos reais sobre o sujeito e sobre o destino da Escola.

Bartyra Ribeiro de Castro<sup>6</sup>  
Setembro de 2009.

---

<sup>6</sup> Psicanalista praticante, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise/Associação Mundial de Psicanálise